

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1903

N.º 115



Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro

Presidente do Conselho de Ministros



## O banquete da Sala do Risco



ão poderá dizer-se que deixaram de ser fôrtes em acontecimentos os quinze dias decorridos. Para citar quantos pela sua importancia destacam seriam insufficientes as trinta e duas columnas d'esta Revista. E é para não proferirmos cômmodos de uns para os outros, para deixarmos em paz os que já expiraram, ou não interrompermos a marcha dos que ainda não chegaram ao fim, é para sermos, em summa, justos, atilados e prudentes que escolhemos um entre todos para lhe darmos logar aqui.

E vamos apostar, carissimos leitores, que já estas fôrtes de adivinhar qual seja. E' tão facil o enigma que já por certo o desifrastes. Ha acontecimentos e acontecimentos e este foi sem duvida o acontecimento pae, o acontecimento supremo, o acontecimento por excellencia. Provas de que elle foi tudo isto sobejam, argumentos a adozir que lhe confirmem a importancia existem aos milhares, pois mais que os argumentos e provas ha — a contraprova. Essa é incontestavel, evidente, entra pelos olhos e pelos ouvidos. E se os olhos vêem e os ouvidos ouvem, ninguém será capaz de negar-lhe a importancia ou apoucar-lhe a significação.

Mas vamos a pôr os pontos nos tí, que já não é sem tempo. O acontecimento é o banquete da Sala do Risco, a prova real da sua importancia, que reside na contraprova, é a forma violenta por que elle tem sido tratado e combatido. N'uma terra onde as novidades não vão além de tres dias, esta já tem cabellos brancos e está ainda viva e salitante como na infancia. Não o ostivesses ella, e veriamos se entre tantas teras as honras e a primazia da publicidade n'esta columna solemne.

O que é fôrta de duvida — é este o porquê principal da questão — é que o banquete deu mais no gôto aos que não puderam lá o pé do que aos proprios commensaes. Caso extranho: azias e amargos de bocca tiveram-nos não os que comeram mas os que ficaram de fôrta. E' caso para applicar a locução popular: n'uma parte se vende o vinho e n'outra se pé o ramo.

Aggredido á nascença, combatido mesmo antes de vir ao mundo, posta em fôrta a Sala do Risco como tempo sagrado onde libações opi-paras em honra de um chefe politico seriam um sacrilegio, quasi condemnado á morte antes de ter nascido, por falta de herço onde fosse embaldado, o banquete Hintze Ribeiro, trazendo esta marca de origem, não podia deixar de ser faldado para grandes e ruidosos mundos.

Tão ruidosos e tão grandes que passando tudo no mundo só elle fica. Passou o tremor de terra, passou o rei Eduardo, e o banquete — continúa. Os artigos de fundo, os *sveltos*, as gazettillas, apoderaram-se d'elle e não o largam. De jantar passou a instituição, e as pontas de baionetas que lhe tem cravado fal-o-hão passar á historia.

Se fosse homem de envaidecer-se, o sr. Hintze Ribeiro estaria á esta hora fôrta de si. Bismarck, Casovra, Richelieu, Pitt, Castello Melhor e Pombal, tiveram horas de lucta e de gloria: um dia apunados, aclamados no dia seguinte, viram o seu nome em fôrta e a sua obra latida pelos quatro ventos, mas nunca souhou nenhum d'elles o ruido que se tem feito agora, nunca para um homem publico convergiram tío intensamente as atenções de uma nação inteira. Caso extranho d'onde se tiram conclusões diversas; 1.º que as opposições politicas em Portugal, quer no parlamento quer na imprensa, se notabilisam pela... inhabilidad. Quando pretendem denegrir elevam, quando querem apoucar realçam. Convertem em *clausé* o que tinham interesse em deixar na sombra, dão solidéz á reputação que tentam aquiescinar, lustre e popularidade ao nome que procuram rebaixar e denegrir.

2.º que o banquete da Sala do Risco foi realmente um acontecimento que marca uma época. Não queremos apurar se a qualquer outro chefe politico seria facil agrupar em torno da sua pessoa, para no mesmo momento a saudar e a aclamar, representantes de todos os districtos e de todos os concelhos do reino. Podem, se querem, chamar a isto o ovo de Colombo, mas o que é certo, é que foi um facto sem precedentes, manifestação que até hoje por nenhuma outra fôrta egualada ou excedida.

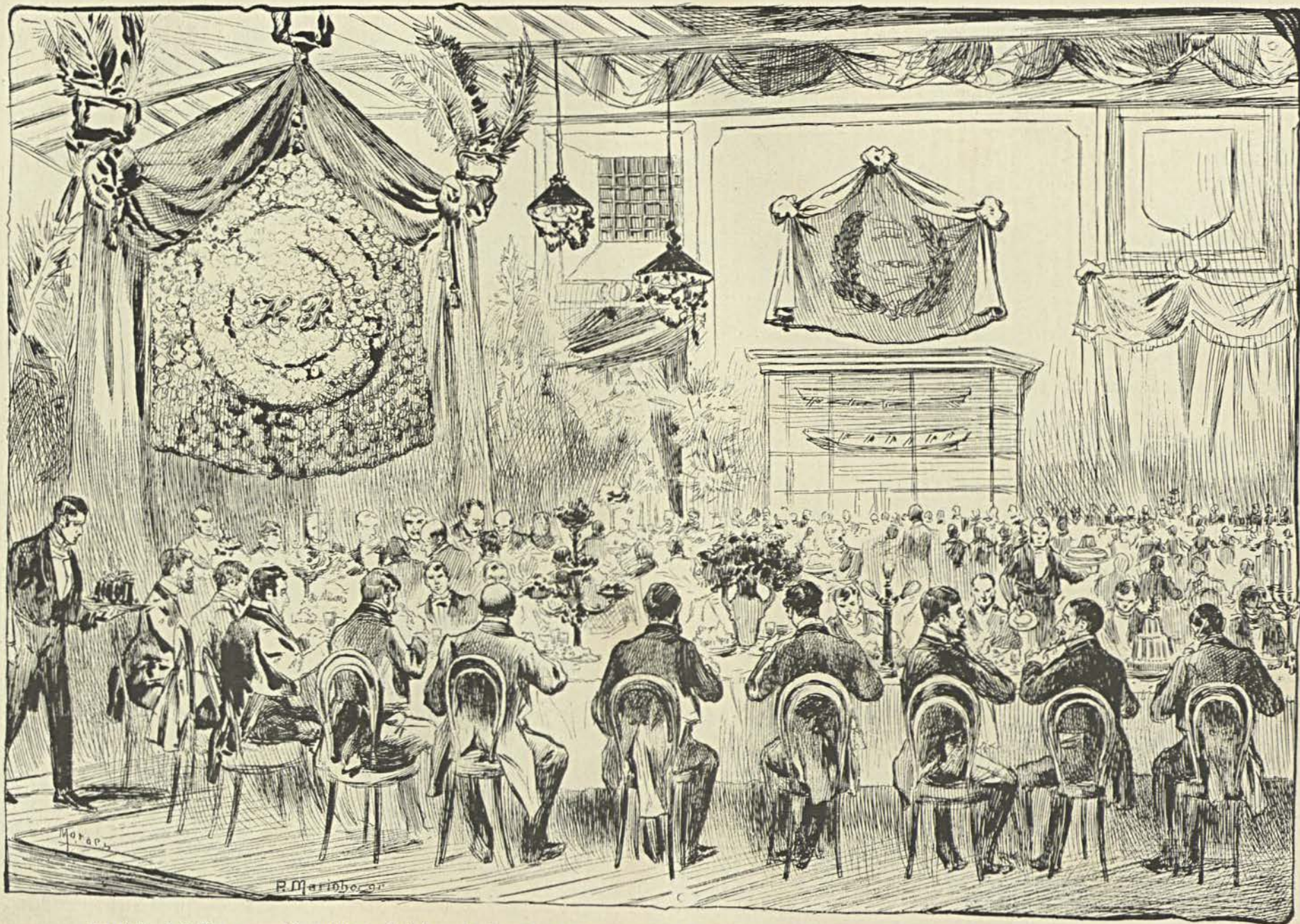
3.º que os governistas, como se diz no Brasil, se mostraram muito mais habéis, muito mais finos, muito mais opportunistas que os seus adversarios politicos. Este mesmo banquete teria somenos importancia e restricta significação se fosse dado nos principios do governo Hintze. Seria um sol a nascer para onde naturalmente todos procurariam voltar-se obedecendo á propria lei da existencia. Seria a razõna perspectiva do cofre das graças que commecasse a clevar-se para d'ahi em diante as ir derramando sobre tantas cabeças reunidas e esperanças. Seria uma letra a prazo cujo capital e logo forçosamente tinha de ser pago. Teria toda essa significação um banquete dado no principio de um reinado, mas bem differente, bem outra foi aquella á que visaram os promotores da festa de hontem. Quizeram fazer uma affirmação de força e consequentemente. Quizeram dar prova de solidariedade, e ninguém em consciencia lh'a contestará. Quizeram revelar cohesão partidaria, e da experiencia se saíram á maravilha. Quando em geral o regimen está desmantelado e reduzido depois de uma marcha forçada e longo, elles quizeram mostrar-se frescos, agéis e pimpantes como no primeiro dia em que se puzeram a caminho. Mas n'essa exhibição de competencia e de gallardia pensaram em ir mais longe, e demonstraram — diga-se já agora tudo em abono da verdade — que se os soldados se apresentaram resoltos, aprestados para o combate, o general, agüerrido como elles, está ainda longe de atingir... o limite de idade.

Ora como esta prova era exactamente a que fazia doer, d'ahi os gritos, o alarido, a bulha que se tem feito. De tal fôrma que o banquete pareceu transformar-se n'uma operação cirurgica em que o sr. Hintze Ribeiro foi o operador tendo por ajudante o Ferrari, em que os garfos e as facas fizeram o papel de lancetas e bisturis, em que as perlices e os *foie-gras* subiram de productos culinarios a recheios pharmaceuticos. A opposição ao governo foi o paciente, e os gritos que ella tem dado e o alarido que tem feito provam bem que lhe doeu. Nada, porém, mais compativel com a força do que a misericórdia, e foi esta que faltou. Faltou chloroformio.

D'esse banquete que pertence á geração de hoje, como pertencerá ámanhã á historia e mais tarde á lenda, são estas as conclusões a tirar. E pelo que toca pessoalmente ao festejado de hontem — não deve occultar quem observe com imparcialidade — dias de contentamento crescente devem ter sido todos os que se tem seguido ao d'essa festa.

Para um homem que exerça o mando não raro as glorificações consolam menos do que os vituperios. Nem sempre aquellas representam sinceridade e justiça, ao passo que estes significam acima de tudo ambições desmedidas, desenfreadas invejas, valvulas que se abrem a resentimentos e a represalias. Sem estes factores o valor do homem d'Estado é um producto incompleto. E d'ahi as consolações que devem experimentar aquelles que sobre ingratiões vão começando a sua obra e sobre beneficios vão acarretando maledicencias. Profundo observador foi aquelle que disse um dia: o beneficio é a vespera da ingratião.

O banquete Hintze Ribeiro teve isto de singular e de eloquente: tanto como uma affirmação de força foi a confirmação d'estas verdades. O valor pessoal tem em si proprio a consagração: no esforço e no resultado. São pleonasticas e escusadas as aclamações com que o celebrem. Mas que deveras o consola quando elle tem por base o caracter e por norte a consciencia é a certeza de não se ter enganado ao reconhecer que em todos os tempos os homens são os mesmos, não os mesmos os processos, e até os cães que ladram á lua... são sempre os mesmos.



Aspecto da sala do Risco no arsenal de marinha na noite do banquete oferecido pelo partido regenerador ao seu chefe, o sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros

# POLITICA INTERNACIONAL

O acontecimento que a todos sobreleva n'esta quinzena é a visita do rei d'Italia a Paris e a estrondosa manifestação de sympathia, que alli lhe foi feita, a qual, segundo o telegrapho nos annuaes, se repercutiu em toda a Peninsula franceza, provocando em Roma entusiasticas ovações á embaixada franceza e freneticos vivas á união franco-italiana.

Como se vê, vão longe os tempos em que Crispi, mais franco-phobo do que o seu inspirador Bismarck, semeava fundos odios entre os dois paizes, esforçando-se por atear uma guerra, que seria criminoso fratricídio sob o ponto de vista moral, e sob o ponto de vista dos interesses materiaes a ruina e porventura a perda da unidade italiana, conquistada com o auxilio do sangue francez em tantas batalhas memoraveis. Felizmente esse teneroso pesadelo passou. Pertence á historia, e a uma historia, que queremos acreditar-o, que jamais se repetirá. A intimidade das duas grandes nações porto-estandartes da civilização latina restabeleceu-se de novo, promettendo converter-se dentro em curto prazo n'uma alliança effectiva, que venha a substituir para qualquer d'ellas o instavel e provisório equilibrio politico em que se encontram.

Porque, diga-se o que se disser officialmente por parte das chancellarias, a actual visita do rei de Italia a Paris e a futura visita do presidente Loubet a Roma estão destinadas a alterar profundamente a situação da politica europea.

Para o observador mais superficial não pôde passar despercebido o que se está passando nos bastidores da Triplice alliança e da Dupla. A Italia está cansada da tutela que sobre ella exerce a Alemanha, e começa a reagir contra o auctoritarismo de Guilherme II. A Triplice alliança, com o pretexto inventado por Bismarck e Crispi de proteger a peninsula contra uma supposta aggressão da França prejudicou, quasi assassinou, economicamente o povo italiano, fechando-lhe o mercado francez, e tão pouca efficacia teve para salvaguardar os interesses da Italia, que nem sequer conseguiu congrassar com a casa de Saboia o imperador-alleão austriaco, cuja visita a Roma está até hoje em aberto, com grave offensa não só do pacto que une os dois monarchas mas até dos mais triviaes preceitos da cortezia internacional.

Por outro lado a Dupla alliança perdeu para os francezes grande parte do valor, que de principio lhe attribuiram. Como elemento defensivo o accordo franco-italiano diminuiu a consideravelmente, mostrando á França que uma aggressão da Triplice alliança se tornava impossivel com a nova orientação da Italia. Como elemento offensivo, para auxiliar a republica a reconquistar á Alemanha a Alsacia-Lorena, bem depressa a attitude do tsar para com Guilherme II se encarrregou de lhe patentear o alcance. Tinha-se visto em Nicolau II o alliado para a «desforra.» Quando esta illusão se desfez, a alliança com a Russia passou a ser considerada como uma combinação diplomatica util talvez ainda por algum tempo, mas de modo nenhum já como o pacto salvador que havia de dar á França a sua antiga unidade territorial e a consequente supremacia no concerto das nações.

Demais, ao mesmo tempo que se começava a apreciar melhor em Paris o aspecto negativo da amizade franco-russa, principavam a apparecer os symptomas precursores de inquietadora antipathia de interesses. Eram os inconvenientes do hybridismo de uma alliança, feita de parte a parte com intenção reservada, e que começava a produzir, passado o primeiro momento de entusiasmo, os naturaes resultados. No Levante e no extremo Oriente os interesses das duas nações estão em opposição. Na Syria a expansão da propaganda orthodoxa russa ameaça o protectorado francez dos christãos do Oriente, e esta rivalidade traduz-se até, não obstante o cuidado das duas chancellarias em occultal-a, na respectiva attitude da França e da Russia perante a questão macedonica.

No extremo Oriente não é menos singular a posição das duas alliaças. Os interesses da França n'esta parte do mundo fazem-na a natural defensora do *statu quo*, afim de poder assimilar tranquillamente as suas conquistas asiaticas, a antiga — a Cochinchina — e a moderna — o Tonkin. Convém-lhe por isso estar em paz com as duas grandes potencias maritimas, cujas esquadras são hegemonicas nos mares orientaes — a Inglaterra e o Japão. Mas os interesses da Russia na Manchuria e na Coréa levam-na a um conflicto armado com o Mikado e eventualmente tambem com a Inglaterra, alliaça d'este ultimo. Ora como a França por seu turno é alliaça do tsar, como ainda ultimamente a alliança franco-russa incluiu nas suas estipulações uma acção commum das duas nações no extremo Oriente, como a guerra russo-japoneza é inevitavel e só temporariamente pôde ser adiada, segue-se que contra os seus mais viles interesses vae a republica para ver-se envolvida n'um conflicto cujas consequencias não são facilis de prever. Além de que torna-se difficil de comprehender como poderá a França entrar n'uma guerra contra a Inglaterra depois da aproximação dos dois paizes, e do entusiasmo que está despertando de ambos os lados da Mancha a intimidade recente dos dois grandes povos.

Assim, se em Paris nada d'isto se ignora e se por consequencia se devem ir alli tomando as providencias aconselhadas por possiveis eventualidades, não é menos certo que na Russia cada vez se accentua mais a má vontade contra a alliança iniciada por Alexandre III. Estão ainda na memoria de todos os ataques de um dos mais considerados órgãos da imprensa de S. Petersburgo contra o general André, a proposito das medidas decretadas pelo ministro da guerra francez para o exercito. A estes ataques seguiram-se os não menos significa-

tivos ao sr. Delcassé no jornal officioso do ministro da fazenda de então, o sr. de Witte, por motivo da participação dos financeros francezes na empresa para a construção do canal de Suez de Istambul de Bagdad. (Quasi a seguir vieram as crueis apreciações de jornaes tão ponderados, como o *Messenger de Europa*, por occasião da ultima visita do tsar a França, e nas quaes o amor proprio francez tão maltratado era: Finalmente agora mesmo encontramos no *Gradjanin*, o conhecido orgão do principe Metstchery, um artigo a respeito da alliança entre os dois paizes, de que vamos apresentar, apenas para amostra do tom em que está escripto, algumas linhas. Depois de affirmar que o barometro das sympathias franco-russas tem descido muito, a ponto de quasi não haver em Paris uma unica pessoa que não diga que a alliança com a Russia entrou no seu outomno (sic), o principe acrescenta que a causa d'este facto está no actual governo da França, que se oppõe a tudo quanto é essencialmente russo. «A alliança franco-russa, termina o *Gradjanin*, está actualmente como uma ave ferida, que se esforça por voar com uma unica asa, e pela minha parte estou convencido que dentro em pouco ella ha-de ter o destino, que inevitavelmente tem todas as allianças entre um Estado christão e um governo de camibaeas (sic). Seja, porém, como fór, o certo é que eu ouço a toda a gente com quem fallo aqui (o principe Metstchery está actualmente em Paris) a mesma phrase: — l'alliance est malade.»

Depois do que fica apontado, não é temerario affirmar que os dias da Dupla alliança estão contados. Razão de mais para vêr na aproximação franco-italiana o esboço da nova combinação politica que está naturalmente chamada a substituir, por parte da França e da Italia, as duas allianças hybridas a que cada uma das duas nações latinas estava ligada. D'esta maneira reconstitue-se a unidade do grupo occidental, em que fóra de toda a duvida a Inglaterra entrará, pois é bem sabida a parte importante que Eduardo VII tomou nos acontecimentos que se estão dando. E assim a Gran-Bretanha pela sua historia, pela sua tradição, pelos seus interesses e até pela sua ethnologia — fortemente impregnada de sangue latino pela conquista normanda — está destinada a formar ao lado da grande federação latina, como defensora e representante mais genuino da liberdade moderna e como laço de união do nosso occidente com o mundo germanico propriamente dito.

Eis o que claramente significa a recente demonstração de Paris ao rei de Italia e a de algumas semanas atraz ao rei de Inglaterra feita pela mesma cidade. E' uma nova phase que se abre na politica internacional, e tudo leva a crêr que com esta transformação diplomatica nada terá a perder a causa da paz. Muito pelo contrario.

• •

Na ultima semana correram incessantes boatos de guerra entre o Japão e a Russia, por causa da tão debatida questão da Manchuria. Chegou-se mesmo a receber telegrammas de um desembarque de tropas japonezas na Coréa, o que certamente implicaria um *casus belli* entre as duas nações. Por fortuna as noticias alarmantes não se confirmaram, o que de modo nenhum quer dizer que a situação no Extremo Oriente não seja sobremaneira grave e que acontecimentos decisivos não possam ali dar-se de um momento para o outro. O conflicto chegou a um ponto, em que não pode prolongar-se por mais tempo sem solução. A Russia, posta entre a espada e a parede pelo seu fogaoso adversario, tem os de evacuar a Manchuria fazendo boa a palavra empenhada para com as potencias, mas perdendo o fructo dos seus esforços e comprometendo o exito do plano da sua politica oriental, ou de declarar por fórma peremptoria que não sai das provincias occupadas, sujeitando-as ás consequencias e arrostando com as eventualidades de toda a natureza. Até agora o gabinete de S. Petersburgo tem conseguido habilmente ganhar tempo, evitando a resposta formal que o Japão d'elle exige. Parece, porém, que em Tokio a paciencia se exgotou e não se quer esperar mais. Pelo menos assim o indica a attitude do Mikado. No entretanto a questão para o Japão é bastante delicada, porque o adversario com quem tem de defrontar-se possui recursos militares pôde dizer-se inexgotaveis, e está disposto a ir até ás ultimas extremidades. Não se trata, pois, da perspectiva de uma campanha como foi a da China. Disparado o primeiro tiro um dos contendores tem de succumbir, e esse não será certo a Russia.

Por isso se comprehende bem a excitação dos japonezes. De um lado não podem consentir que a Russia ponha o pé na Coréa, que assim ficaria para ella perdida com irreparavel damno da futuro e inevitavel expansão do joven imperio, ao qual falta o espaço sufficiente para viver. Mas por outro lado não lhes é facil encontrar meios de sustenter a implacavel voracidade do potente adversario, que a fatalidade lhes deu por vizinho. Cada dia que passa é um dia ganho pela Russia, que melhor vae estando preparada. Não declarar a guerra desde já é arriscar-se a ter de declaral-a mais tarde em muito piores condições. Mas assumir a responsabilidade de provocar o conflicto é talvez expôr-se a um grande desastre militar, em que pôde afundar-se a prosperidade nacional e até a propria existencia do Estado, elevado á custa de tantos sacrificios á categoria de potencia hegemonica no Extremo Oriente.

E' esta a situação para o Japão. Entretanto a Russia na defensiva espera...

CONSILHEIRO PEDROSO.

## As nossas gravuras

Damos hoje gravuras da exposição agrícola que El-Rei, de volta de Vianna do Castello, aonde fôra assistir às monobras militares do norte, inaugurou no Palacio de Cristal do Porto. Já por varias vezes nos temos referido aos certames industriais realizados n'esse bello estabelecimento, mas nunca é demais accentuar o bom exito dos esforços empregados pela direcção do Palacio, á frente do qual está hoje o sr. visconde de Guilhomil. N'esta exposição foram muito admiradas as collecções de El-Rei e da Direcção Geologica. Alem da gravura dando o aspecto geral da exposição, reproduzimos duas outras com a exposição dos trabalhos da Escola dos Cegos do Porto que foi inaugurada ainda ha pouco, a 30 de agosto, e que conta já hoje 15 alumnos, tendo por professores dois cegos que a escola sustenta, veste e remunera. E' director gracioso da escola o sr. Miguel Mattos, um benemerito, que tem secundado bem a iniciativa humanitaria do sr. Branco Rodrigues, incansavel protector dos pobres cegos.

A proposito, vem tambem dar algumas gravuras de Vianna do Castello que acaba de fazer no chefe do Estado um acolhimento entusiastico. El-Rei D. Carlos teve em Vianna do Castello mais uma prova do muito que o povo portuguez o admira e lhe quer. E as ovações que lá recebeu, a toda a hora, e que foram brilhantemente coroadas pelo en-

thusiasmo do Porto, quando S. M. na vasta sala do Palacio de Cristal declarou conceder a amnistia aos antigos soldados do 18 de infantaria, deportados em Africa, devem ter satisfeito cabalmente o coração generoso do monarcha.



## Mamã Ndu

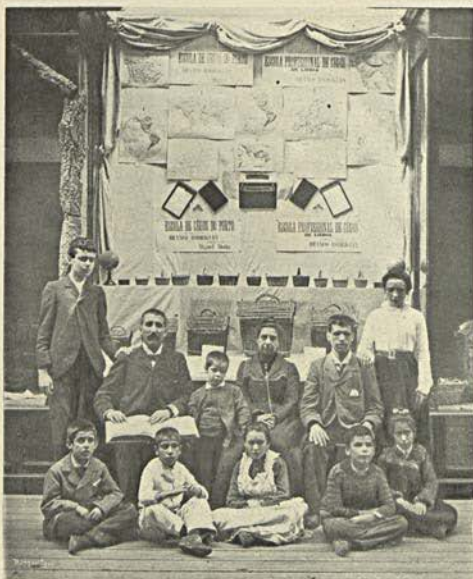
(Recordações da mocidade)



Os paes não eram sufficientemente ricos para terem uma criada. Com certeza que não, — pobres creaturas! — e ainda mesmo me lembro que as sobrecasacas de meu paes duravam-lhe muito tempo, e que muitas vezes a mamã se via obrigada a lavar a roupa. Logo de manhã cedo, o pobre homem lá ia para o seu ministerio, levando na algibeira um bocado de pão atalhadado de conchas da salubicharia para o almoço; as minhas duas irmãs — que estavam pinturas — partiam para o seu *atelier*, e enquanto que a mais nova, a que devia morrer aos vinte e tres annos e a quem chamávamos então «a Maria gorda», acabava os arranjos da casa, minha pobre mãe



Um trecho da Exposição de S. M. El-Rei, o sr. D. Carlos



#### Exposição no Palacio de Cristal

Instalação de artigos fabricados pelos alumnos da Escola dos Cegos do Porto e de Lisboa — Grupo de attenção da do Porto com a regente D. Maria Emilia Marques d'Almeida Motta e dois professores cegos.

sentava-se à banca, proximo da janella, e começava a copiar folhas das estancias ou das serrallharías para os empreiteiros da vizinhança. Ora eu era então um importante personagem de seis annos d'idade, ordinariamente designado pelo alcunha de Cício, um rapasola doente, emburrado e n'um capote de panno escosoz, de quadradros brancos e encarnados, obra-prima da industria maternal, e de que eu me orgulhava immenso. Minha irmã Maria, posto que já fosse muito util à casa, só excedia de tres annos, e creanças d'esta idade precisavam de exercicio e de muito ar.

Pela volta do meio dia a Bernu, uma pobre velha do bairro, vinha buscar-nos para nos levar a passeio. Almoçava a um cento da meza e a mamã dava-lhe dez soldos. Com este pequeno recurso, com os socorros da repartição de beneficencia e algumas outras pequenas talvez, achava ainda meio de viver; e os meus humilides, muito humilides paes, que, por prodigios d'economia, conservavam na pobreza um ar de decente burguezia, deviam-lhe produzir o effeito de poderosos capitalistas.

Muito adiantada em annos, com um bonnet d'avó do campo d'uma brancura deslumbrante, uma saia cinzenta semeada de flores e um chale verde sempre preso por quatro alfinetes, mamã Nunu, como nós lhe chamavamos, tinha um rosto de traços regulares, enrugado como uma macã de conserva, onde alguns cabelitos brancos frisavam em volta d'uma bocca desdentada. Era d'um accio escrupuloso, conservava os modos pelidos do povo d'outra, e tendo tido uma numerosa familia, sabia ás mil maravilhas guardar crizancias.

Mamã Nunu conduzia-nos por tanto, a minha irmã Maria e a mim, pelas avenidas desertas que irradiam em volta dos Invalidos. Eu habito hoje d'este lado; voltei para ali, arrastado por um irresistivel atractivo; porque a Parisiense é mais fiel do que muitos julgam ás suas recordações d'infancia e guarda um sentimento dedicado pelo seu bairro natal. Havia n'aquelle epocha, nestes longinquo boulevard, magnificos olmeiros que foram depois cortados durante o cerco, velhos bancos de madeira carunchosa, fossos cheios d'herva, e candieiros de força datando do Paris revolucionario, candieiros proprios para enfeitar o aristocrata. Era um lugar melancolico, quasi agreste, muito solitario. Só se encontravam raros invalidos, — e de antigo modelo, — com a casaca arcaica de bica voltados e o grande tricorneo com penacho, que se trazia em combate, ou velhas que viviam da caridade dos palacetes e dos conventos do faubourg Saint-Germain, muito proximo, e que, durante o dia, se aguciam ao sol sentadas pelos bancos. A Bernu sentava-se junto d'ellas para palustrear o seu boceado, e eu e Maria accoravamos-nos aos pés d'ella e brincavamos com a areia.

Mas, repazito como era, tinha já imaginação, e a historia que a Bernu contava ás suas pobres companheiras interessavam-me poderosamente. Ouvida com respeito por causa da sua muita idade, falava-lhes quasi sempre a uma pessoa que fazia honra á sua familia, de sua filha, o unico ente que lhe restava, — porque os filhos tinham sido mortos durante as guerras do Imperio, — de sua filha que era a porteira d'um palacete do faubourg Saint-Honoré, onde o seu marido era cocheiro, e que, por um acaso ironico, se chamava Madame Napoleón. Este nome de Madame Napoleón que apparecia constantemente nos discursos da Bernu, exercia em mim uma especie de fascinação, e só podia phantasiar a porteira do faubourg Saint-Honoré de coroa na cabeça e arrastando o manto imperial. Um dia, mamã Nunu levou-nos a casa de sua filha: era uma mulher gorda, já velha, que nos offerencia excellentes vinhos passadas. Mas o meu cerebro de creança não quiz admitir semelhança realidade, e, mesmo depois d'esta visita, quando pronunciavam

o nome de Madame Napoleón o meu pensamento evocava a imagem d'uma rainha imperatriz.

Como todas as pessoas de muita idade, a Bernu, nos seus colloquios do boulevard dos Invalidos, ia sempre ás ás mais longinquoas recordações. Tinha jantado na rua, a uma meza construida em frente da casa, no dia da Federação; tinha visto passar Maria-Antonieta na carreta, sem camisola branca; descrevia seu filho mais velho, o grandeiro da guarda imperial, com o seu grande bonnet e as altas polainas pretas. E eu entrevia, escutando-a, dramas confusos e vagos esplendores. E de que ella se lembrava melhor, era das festas publicas em que o povo tem sempre o seu quinho: a festa do Imperador e as distribuições do vinho, o dia do nascimento do rei, quando aliravam com chorros á multidão. Que coisa pungente, este curso d'historia contemporanea feito por uma pobre velha!

Um dia, quiz mostrar a sua habitação a uma das suas velhas amigas e conduziu-a, compasso, bem entendido, a uma miseravel casa da rua Rousselle. Entrámos n'um quarto frio, mal illuminado, onde havia um leito de campones e algumas cadeiras de pau, como ainda o fazem hoje, armavam capelinhas ás portas das casas; mas não tinham necessidade d'importunar os que passavam para lhes arrancar alguns soldos; porque n'aquelle tempo, as pessoas de distincção faziam parar as suas carruagens diante da capelinha, descaim, ajoelhavam-se um instante e deixavam uma larga esmola. Foi assim que a Bernu, então muito novita, tinha visto descer da sua carruagem e rezar diante d'esta capella de gesso um velho senhor «muito paramentado» que, acabada a sua oração, lhe tinha sorriso e lhe tinha dado um luz d'ouro, o unico talvez em que ella tocou em toda a sua vida; e este senhor não era mais nem menos do que o marechal de Richelieu em pessoa, então extremamente idoso e que tinha cahido na devoção. A Bernu que se orgulhava de ter sido bonita, tivera o ultimo sorriso de Fronseal!

Assim se passava as minhas tardes a ouvir as boas historias de mamã Nunu; depois, no cabir do dia, voltavamos para a rua Vanneau, onde morava minha familia, e subiamos cinco andares. As irmãs mais velhas estavam de volta, e, rindo com o seu bello riso de raparigas, ajudavam minha mãe a pôr a meza. Depois o pai voltava da repartição, fatigado, curvado, pobre homem d'espirito e de phantasia, que se consumia sobre papelladas! Mas, depois de beijar a familia, o seu rosto, o seu ingenho e fino rosto sem barba, sob uma camada de cabelos grisalhos, de prata, illuminava-se d'um sorriso feliz. Tirava a sobrecasaca, — a sua eterna sobrecasaca e dizia: «Uff! ouvindo o rolet de chabvier; e, como a terrina fumegava já sobre a meza e Bernu a olhava de revéz, fazendo semblante de se ir embora, elle dizia-lhe alegremente, com a sua generosidade de pobre e a sua boa graça de gentil-homen:

«Sente-se ahí, mamã Nunu... e jante commoço!»

FRANÇOIS COPPÉE.



#### Exposição no Palacio de Cristal

Instalação dos artigos fabricados pelos alumnos das Escolas de Lisboa e Porto  
Retrato do director da Escola do Porto, do sr. Miguel Motta



Phot. José Maria

Vianna do Castelo — Aspecto da cidade durante os festejos.  
Vista do edificio da Camara Municipal



Phot. José Maria

Vianna do Castelo — O arco triumphal  
na rua Manuel Espregueira

## Os Jesuitas no Grão-Pará

É indispensavel ver o livro que tem este titulo, e que foi editado pela livraria Tavares Cardoso, para se fazer ideia da acção que tiveram os jesuitas no grão Pará, das missões que lá desempenharam e da vasta colonisação a que procederam. É um trabalho publicado em volume de grande formato, que honra o auctor, o sr. João Lucio d'Azevedo.

Linguagem tersa e elegante, estudo rigoroso da epocha, documentos de importancia, alguns ineditos, tudo isso constitue o valor d'esse livro em que o sr. Lucio d'Azevedo presta um bom serviço não só ás letras patrias mas tambem á historia de Portugal e do Brasil.

A todos os estudiosos o recommendamos. Os que mais sabem n'elle tem ainda que aprender, porque hão de encontrar decerto elementos novos que esclareçam e completem o conhecimento da epocha que o auctor estudou a fundo. Os menos illustrados encontrarão ali manancial bastante para elucidarem o espirito sobre acontecimentos notaveis da historia e da evolução nacional.



Phot. José Maria

Vianna do Castelo — Acenida Camões  
Pavilhão de onde El-Rei assistiu á serenata no Rio Lima



Phot. José Maria

Vianna do Castelo — Aspecto da Praça da Rainha durante os festejos



Phot. Antonio da Paz dos Reis

Porto — Cavallaria da Guarda Municipal,  
em frente da estacão de S. Bento, aguardando a chegada de El-Rei



Phot. Anselm da Paz ara Reis

Porto — Na Praça de D. Pedro  
O júquete de Cavallaria precedendo a carruagem real



Phot. Anselm da Paz ara Reis

Porto — Na Praça de D. Pedro — A carruagem conduzindo S. M. El-Rei  
e o sr. ministro da guerra, conselheiro Pimentel Pinto

## Dr. Augusto Carlos Vaz de Oliveira



O «Brasil-Portugal» orgulha-se inserindo hoje o retrato de um dos homens que mais sympathias contava em Pernambuco pelo seu valor intellectual e pelo trato humano e affectivo. O dr. Vaz de Oliveira é lente cothetractico da Academia de direito no Recife.

Descende de portuguezes, dos portuguezes é amigo dedicadissimo. Por muitos annos mordomo da Santa Casa da Misericordia, é hoje seu thezoureiro, cargo trabalhoso e não remunerado, em que tem prestado grandes serviços. Exerces tambem o cargo de mordomo do Collegio das Orphãs, estabelecimento importante da Santa Casa, e ha cerca de 12 annos, é adcoagado gratuito do Hospital Portuguez de Beneficencia. Tal é em poucas linhas a biographia imperfeita do illustre adcoagado pernambucano, cujo nome tão querido é na colonia portugueza do Recife.

### THEMA ANTIGO

Eu fui pedir ao mar que desse abrigo  
Ao men immenso e immaculado amor  
No fundo do seu seio honesto e amigo.

E o velho e gigantesco luctador  
Erguendo ao céu o seu olhar comigo,  
Estremecia e soluçoa de dôr...

No azul sereno e luminoso então  
Surgiu a lua, abençoada e calma,  
E o seu doce clarão  
Mostrou-me o Oceano da tua alma! —

ALBERTINA PARAÍZO.

## Tenebras

### A um cego de nascença

Por toda a parte é sempre a mesma treva...  
Desponte a luz, em purpuras, no oriente,  
Ou no occaso se esbata lentamente,  
Jamais a luz teu coração enleva!

Quer seja escuro o céu, quer esplendente,  
Debalde ao céu o teu olhar se eleva:  
Em cima, em baixo, atraz de ti, em frente,  
Por toda parte é sempre a mesma treva!...

Que desgraçado e estúpido contraste!  
Surgindo á luz da vida naufragaste!  
Da escuridão no pélagos sem fundo!...

Ah! o destino que jogou-te a esmo  
No mundo, te deixou fóra do mundo,  
Encarcerado dentro de ti mesmo!

ARTHUR BAHIA.  
Recife



Phot. Hygine de Mendonça

### NA ABUCHARDA

#### Caminho de Cintra para Cascones

Monumento levantado pela saudade paternal dos Condes de Sabugosa á filha querida que um terrível desastre deixou morta n'aquelle local, a 30 de setembro de 1902.





A EXPOSIÇÃO DO PALACIO DE CRYSTAL — Vista geral



## A abertura dos theatros—O Rei Maldito



QUANDO o outono começa, os theatros abrem. Com as primeiras chuvas veem as primeiras peças. Fecham os casinos e os clubs das praias e das thermas e despejam pelas câmaras e pelas platéas toda a sua população balnear. E' de novo, portanto, abri-se um intervalo entre a inauguração annual dos theatros e o apparecimento dos primeiros accpipes theatraes. Dir-se-ia que se prepara o paladar para as gulosas artisticas porque, durante dias que, mesmo que não sejam longos, bem parece ás vezes que não, as peças servem ao publico os pratos da casa, repetidos uns, outros sabendo

a esturro. N'estes dias iniciaes da época vai-se ao theatro para não perder o habito, porque *malgré tout*, não tem melhor que offerecer aos seus habitantes as noites de Lisboa, e entre uma bronchite na Avenida e uma *pochade* no Gymnasio ou uma laracha do *Goto Preto* o publico prefere... não apañar a bronchite.

Ora, ha em Lisboa, uma sala benemerita — chamemos-lhe assim — que fórma o *trouf d'inston* entre estas duas espécies de da novidades theatraes. E' o *Colyseu dos Recreios*. E' ali que se reúne a sociedade elegante e não elegante, e esta em maior escaza ainda, este anno sobretudo, pois que, mesmo em dias de semana, enche por completo o *promenoir* e as bancadas da geral. Deus dá-nos o outorno, Santos dá-nos o Colyseu. Dá-nos, durante noites que, se elle não existisse, seriam de uma sanaboria mortal, a graça trauemosa dos palliões, as curvas aperlitas das *coynges*, exhibição de atletas que dão tom á festa, botam a patria dos Viriados, dá-nos a illusão das florestas e dos bosques, onde, por uma bocca de homem cantam todos os passaros da criação, dá-nos o trabalho notavel das phocas, mais intelligentes que muitos que as applaudem, e o arrojio excepcional de *Looping the Loop*, a pôr-nos um *frisson* na espinha, dá-nos emfim cada noite que passa, a força, a belleza, a graça, o entretenimento dos olhos, a distração dos sentidos, o esquecimento por algumas horas das arrelhas e massadas do dia. Se a isto se não chama um benemerita, procurem melhor adjectivo no Dictionario.

Desejos de o ser tambem, é justo confessar que os teve o sr. Rnas, empresario do **Principe Real**, e essa intenção basta para provocar os nossos louvores. Não só elle reuniu o seu bonito theatro, e lhe lavou a cara e lhe deu aspecto convidativo e elegante, mais tambem abriu em inaugural o com uma peça nova. Tudo isto não lhe bastando, foi buscar para subrovela um nome laureado, apresentou alguns artistas novos, dois d'elles bem conhecidos já no Brazil, expoz um scenario de arromba, em que tiveram collaboração todos os scenographos de Lisboa, e a respeito de guarda-roupa, não obstante o rigor historico andar ausente por vezes, tambem por ali se não vê mais, nem mesmo por theatros mais exigentes.

Tudo isto fez — e não ha senão que applaudi-lo por tudo isto, — o empresario do **Principe Real** para abrir o seu theatro com a *chance de ouro* que deve fechar um bom soneto. Tinha para o cartaz um nome de encher as medidas: Marcellino Mesquita — applaudi-lo e laureado, pelos publicos dos grandes theatros de Lisboa. Titulo de peça nem de encomenda o arranjaria melhor. *Rei maldito* são palavras que se casam á maravilha para chamarem a attenção de muita gente e cahirem no goto do publico mais ou menos arrepubiicando que enche de preferencia a platéa d'aquelle theatro.

Depois, scenas d'a inquisição, tormentos, autos de fé, procições Ingubres, e a lithographia a servir no cartaz, á maravilha, o réclame, a fazer crescer agua na bocca a toda a Mouraria e immedições. Ponham estes *mutadores* em exhibição, e venha o mais entendido em theatro confessar que não ia apostar a vida pelo exito de *O Rei Maldito* e pelas enchentes do Principe Real!

Infelizmente, porém, nada mais fallivel que a previsão humana! Até a infallibilidade do Papa teria levado um cheque se fosse chamada a intrometter-se n'este caso extranho e unico!

Apesar de tudo, de tanto charmariz, de tantos elementos de agrado, *O Rei Maldito*... não agradou. E não agradou porque com tantos elementos não tinha elementos para agradar. Se Calino é da mesma opinião, depois se verá.

E porque que não tinha elementos para agradar? Por uma razão afinal tão simples como as coisas simples: porque é uma peça má.

Não somos intransigentes como aquellos que condemnam *in limine* uma peça historica — só porque o é. E' uma questão de gosto que não vem para aqui. Mas o que exigimos, o que não dispensamos, a par de todas as outras condições de theatro que n'ella devam reunir-se, é o estudo rigoroso da época, a observação exacta das grandes figuras que o auctor reproduz. E, em boa consciencia, falha a tudo isto *O Rei Maldito*.

D. João III era interesseiro e fanatico, dizem-no os chronicistas, mas não era um pulha; e no drama do sr. Marcellino Mesquita, outra coisa não é quando recebe os cincoenta mil ducados do judeu em troca da sua palavra, fazendo gala em faltar a ella, logo a seguir, e ajudando o inquisidor D. Jorge de Mello no pacto diabolico de queimar o homem. Até n'esses momentos o auctor empresta ao rei intelligencia, astucia e finura, que a historia lhe nega. Do judeu Samuel, aquelle que a colonia escolhe para seu chefe, faz um pateta que assigna uma ordem de dinheiro em troca da sua vida, sem exigir, sem susceitar, uma garantia qualquer.

Damião de Gões, a mais alta figura d'aquelle reinado, é um espantallo que de quando em quando apparece, só por apparecer, apoucado, amesquiando, dizendo banalidades, mostrando com a sua presença que teria sido mais acertado, mais artistico e mais logico ficar em casa. O judeu que Samuel escolhe para o substituir na chefia mais parece um alumno de lycea a quem o mestre está á dar uma lição do que se passa... no seu tempo e em volta d'elle. Dir-se-hia que nem a inquisição conhece, nem aos seus horrores tem assistido! O sr. Marcellino Mesquita quiz explicar tudo aquillo á platéas, mais escolhe a peor das occasiões, sem se lembrar que no theatro como na politica o opportunismo é tudo. Nem sequer pensou em estabelecer um dialogo vivo, em preparar entre ambos uma argumentação poderosa, d'onde naturalmente brotasse toda essa lição de historia... contemporanea.

Quiz arranjar amor, que é ainda a materia prima de todos os dramas, os de hoje como os de ontem, mas pôl-o n'um fio tão delgado, tão inconsistente, que por todos os lados quebra, quasi sem se dar por isso. Faltou-lhe a perspectiva das proporções e ali, onde a phantasia poderia sobrepôr-se á historia, faltou por completo. Demais, escolhe para protagonista o dr. Antonio Goncalves, encarna n'elle o espirito de rebellião e de dignidade, e tão egoista o faz, tão pouco amante — o que é para a hypothese do erro capital, porque drama de amor não existe mais na peça — que o deixa desparado, indifferente, ao vér passar para a fogueira Esther, a filha do judeu Samuel, que o ama! E, por conseguinte, é claro que ainda mais indifferente e desapegada fica a platéa.

Se aqui ha verdade historica não temos tempo de averiguar-o, mas é um caso em que o auctor sendo mais fiado á arte que á historia, sem desvirtuar o personagem, seria mais atilado e sobretudo — mais dramaturgo.

Não chega a comprehender-se que o sr. Marcellino Mesquita, de todos os nossos escriptores de theatro o que tem mais rija envelopadura dramatica, não visse coisas que a um principiante não passariam despercebidas. Por exemplo, aquelle desastroso final de peça, fri, incapaz de emocionar, apesar do spectaculo do auto de fé, quando tudo estava a indicar ao dramaturgo a situação culminante, aquella em que o judeu se autheama para a fogueira, se deffontasse como o rei e lhe vibrasse um antheama, lançando-lhe em rosto a traição e a infamia.

Max... iamos além do permittido. A peça não é nossa, não temos a velleidade de ensinar o Padre Nosso ao cura e cada um sabe as linhas com que se cose. Só o que lamentamos é que o sr. Marcellino Mesquita alinhavasse d'esta vez o seu drama... com linhas pódres.

Joyme Victor.



# De Lisboa às Ilhas

IV

Na Ilha Terceira — O Gungunhana — Lendas — Pedacos de historia

Escrevo-lhes quasi do meio das ondas, vendo ali abaixo, coisa de 200 metros, a arrebenhacção do mar bravo nos cachopos que orlam a costa sul para ponente até S. Mathews. Aqui estão na fortaleza de S. João Baptista, perna traçada sobre uma das ameias, dominando a nobre Angra, garrida e branca como uma noiva marroquina.

Vem do seculo XVI todas estas ruínas de escarpas, minaretes e setteiras, plantados a meia encosta do panificado Monte Brasil, nome que se diz anterior á descoberta da America do Sul.

Fica uma pessoa a scismar, sobre estes destroços e pedregulhos deixados por uma raça rija, nas valentias de outras épocas. Por aqui houve, em 1580, mosquitos por cordas, e viram os espanhóis uma bruxa. Viram depois mais calmos tempos e com elles as lagrimas de Affonso VI, quando ás tardes ia por estes declives a ver se no mar largo descobria a patria que o mano Pedro lhe surripiera, mandando-o para este degredo. De aqui saíram os do Mindello e aqui houve



ANGRA DO HEROISMO — Cidade e Bahía

por bem Pedro IV condecorar Angra, a inexpugnável, com a honraria de *Heroismo* pela tremenda defesa da causa liberal. Mas as heroicidades passaram e hoje a fortaleza veneranda cobre-se de heras e desmoronouse, abrigando, em vez de generaes aguerriados, um *illustre* sargento, com *prêt* e sem prestigio — o destronado Gungunhana, baptizado de Reynaldo Frederico, e mais a sua côrte, representada por Godide (Antonio da Silva Pratas), Zixaxa (Roberto Frederico) e mestre Molungo, um pobre diabo quasi cego.

O meu inseparavel companheiro acriano, que fala todas as linguas intricadas e que envergonharia o proprio Conscigliere Pedroso, dirigiu-lhes a palavra, carinhosamente, n'um landim vernaculo que fez dar aos presos um salto de surpresa alegre: «Buia aléno, Ahóssi! (Vem cá, meu rei)» E o Gungunhana, olhos boquiabertos, ergueu-se para uma mesura africana, e murmurou, commovido: «*Induna!* (Oh! grande dignitário)» E seguiu a conversa com referencias ao pobre Mossimbo, que o rei não odeia, á patria negra, ás saudades pelo grande continente e pelas damas ausentes, as doceis companheiras de épocas que não voltarão nunca mais.

Explicou-me depois o viajante ilhéu, entre fumaças do seu requemado cachimbo, a conversa no melodioso landim da Oriental: Que tudo aceitaram os prisioneiros de guerra com um estoicismo de fatalistas: a caserna fria e acanhada, o rancho, mesmo com peixe fresco, a ausencia das suas cubatas de colmo dos ventos, a não concessão de honrarias, tudo menos a falta das suas queridas mulheres, que a distancia tornou talvez ingratas — coitadinhas! — e que se haverão lançado nos braços consoladores de reles pretalhões da plebe amatonga — uma vergonha que lhes fazia chorar a alma.

— Se ao menos quatro brancas heroicis se resolvessem a alegrar o exilio, levando á egreja os quatro valentes christãos novos, e levando-lhes a esmola de uma caricia dentro de um amor mascarado, a fortaleza de S. João seria um paraíso e a velha raça dos Gungunhanas não se extinguiria. Não haverá no seu continente quem se tente com a perspectiva de ser, em seculos futuros, ascendente de uma tropa de mulatos em 5.<sup>a</sup> geração? Ha exemplos. Um lrico desposou Othello. Muita gente conta avós de azeviche, desbotado por cruzamentos. A emancipação dos escravos nivelou as castas, e um monarcha decaído, mesmo preto, não será para

desprezar. E vamos ver a ilha.

A Terceira demora umas 60 milhas ao noroeste de S. Miguel. Foi descoberta, rezam as chronicas, em 1446, por Alvaro Fernandes da Camara. Mede 45 kilometros desde a ponte da Mis Merenda, ao Oriente, até á Serreta, ao Occidente, e 20 na sua maxima largura, de Santo Antonio aos Biscostos. Pelo observatorio de Lisboa marca-se-lhe em situação 39° de lat. septentrional por 18° de long. occidental. Sobre a sua formação correm lendas varias, de que participam as outras ilhas. Haverá sido, em tempos nebulosos, um fragmento da lendaria Atlantida, que o velho Platão assegura ter existido fórradas columnas de Heracles, e que se submergiu deixando pedacos dispersos. Mais tarde aventou-se a suposição de que fez parte de uma cordilheira que n'uma linha leste-oeste ligava a America á Europa. Conspicuos estudiosos affirmam, a seu turno, que a graciosa ilha nasceu de uma erupção vulcanica, e dão como prova a vasta caldeira do Monte Brasil, hoje convertida em valle fértil. Garantem ainda outros que a sua constituição geologica é *neptuniana* ou *plutonica* e que os Açores formavam um grande continente encantado que abrangeria as Canarias e Cabo Verde, como accedeu com as ilhas do mar Egeu e com a Italia, da qual se desagregou a Sicilia.

— E que ha de verdade em tudo isso? perguntei, n'uma admiracção crescente pelo meu vivo livro de sciencias.

— Nada. Nós agarramo-nos aos pergaminhos como as cracas aos rochedos, e é tal o nosso amor ao torção que, para os emborecer, fazem-o mais velho do que o resto do mundo. A proposito de genealogias: cada familia trata da arvore propria e esquece as dos outros. Esse trabalho complexo que tão util seria ao estudo comparado das raças, do aperfeiçoamento e do progresso do paiz fica reduzido ás proporções de uma lição de historia intima, accessoria aos poucos de mais um avô em linha masculina ou menos recta. E quando a linha é curva, uma borraicha e um lapis correm o deficit. Enfilaram-se antepassados como se colleccionam sellos. E os antepassados dormem no santuario da casa, para uso dos parentes, como es relatorios officiaes, que ninguém lê.

— Todavia ha nobrezas de primeira agua nas ilhas!

— São de primeira agua sempre. Basta começar e continuar a escrever filiações. Não ha historias nobres. Ha historias ricas — ricas em datas, em factos comprovados, em ramos e em limpeza de origem, em limpeza sobretudo. (E tendo um sorriso meo, o meu companheiro, atalhou): Sou insuspeito. Conto 90 avós directos e tortos. Descendo dos Velhos, dos Alvares Cabral, dos Braz Dias, dos Bettencourt, dos Camaras e de uma grande cohorte de gentes bafejadas por boas sortes. Ha de tudo nos meus mortos — pilotos e soldados, aventureiros estrangeiros e reverendos. Não me orgulham, nem me vexam.

— Mas quem és tu, oh homem grande? bradei respectoso n'uma reverencia gungunhana.

— Não tenho nome. Eu sou teu irmão. Eu sou uma galeria de telas.



ANGRA DO HEROISMO — Caes e alfandega

Eu sou o passado. Eu sou a alma da patria açoreana que aspira e que chora sobre ruínas...

Desvendava-se emfim o mysterio. O homem do *Cazengo* era um phantasma, um duende, por decretos divinos nomeado meu *cicerone* no Atlân-

tico. Curvei a cabeça, honrado pela camaradagem, e de braço, e tu cá tu lá, fomos ver aspectos risonhos no alto do Bastardo, no alto da memória a D. Pedro IV, no Pico da Urze, no Raminho, na Serreta, na Praia da Victória, o theatro do celebre ataque de 11 de agosto de 1829. E depois de bebemos o ar puro dos montes, n'uma volta pela estrada que rodeia a ilha, viemos desfrutar as tradições da fortaleza de S. João, d'onde traço todas estas coisas eruditas bebidas no meu espirito santo de orella — toda uma historia que abrange quatro seculos e meio. Eu escrevo, velle dicta:

«... Na armada, que o infante D. Henrique enviou á Terceira, em 1449, vinha um fidalgo Flamengo, Jacome de Bruges. Era valente e sabia ver. A ilha tentou-o com o seu clima suave e a sua feracidade. Depois de a percorrer e estudar, voltou ao continente a descrever as suas belezas naturais, as suas aguas abundantes. E tal foi a narrativa, que o infante nomeou-o donatario da ilha, firmando o decreto em Silves em 1450. O Bruges tratou logo de colonizar a nova terra com gente do Algarve, a unica gente que se atreveu a afrontar os perigos da temerosa travessia. Dá cá um abraço, irmão! na caravella metteram-se grãos e franciscanos e artistas e campones, que mezos depois ahí saltaram para fundarem, a'um abrir e fechar de olhos, a primeira povoação no valle do Paúl. Os campos foram divididos e arroteados, do mar ao sopé da montanha de Santa Barbara, e, com o decorrer dos annos, da honesta comunidade surdia uma renação possante, trabalhadora e guerreira, que soube nobilitar-se arando a terra e combatendo pela liberdade.

«Passa um seculo, morre D. Sebastião, succede-lhe o cardinal Henrique, que desaparece em 1580, e entram pela fronteira do tea paiz 30(000) castelhanos armados até aos dentes, a apoiar a pretensão de Filippe. O tea paiz rende-se desalentado. A Africa rende-se. O Brasil rende-se, a India rende-se. Duas ilhas açorianas rendem-se. Só a Terceira se não rende, e acclama, como Santarem, o Prior do Crato defensor da patria. As muralhas e os fortes encheram-se de dardos, e os muros saem um soldado, as muralhas e os fortes repellidos d'estas aguas gloriosas. A primeira esquadra aportou á bahia da Salga, comandada por D. Pedro de Valdez, que fez desembarcar a tropa fandangosa em 25 de julho de 1581. Trava-se combate. Os de terra fazem prodigios de valor, mas para não serem esmagados, trazem para o meio da lica, abrindo fileiras, dez mil toiros bravos que dizimam os *forçeros* invasores. A 2.ª esquadra, trazida por D. Lopo de Figueirôa tão accusada foi pela artilharia da terra que elle logo deu ás de Yilla Diogo, para ir dar conta do recado ao anno. A 3.ª esquadra trazia como almirante o marquez de Santa Cruz e 20 mil homens. Depois de destruir, nas alturas de S. Miguel, os navios aprestados por D. Antonio, que viera para a Terceira, aprou a ilha para se aposar do valente rei-Prior do Crato. Mas este, ao saber do desastre, partiu para França a arranjar novos reforços, deixando ao inhabil e inepto governador Manuel da Silva, conde de Torres Vedras, a tarefa da defesa. Foi esta a ultima terra portugueza pisada pelo desventurado Prior, que por tres annos reinou n'este grande territorio que tem por fronteiras o mar. Engolida as forças no ultimo esforço titanico, a ilha caiu gloriosamente e o dominio estrangeiro firmou-se sobre o cadaver decapitado do ultimo governador. Ah! leica a tradição das bravuras, escritas por essas verduras dos campos, que ha 2 terços de seculo se tingiram de sangue de irmãos...»

«... Aos meus pés dormem as aguas da bahia, lisas e serenas. Nem sombrias de esquadras vellicas, de tiros, de gritos guerreiros. A pas petrificou tudo. A cidade immobilisa-se n'um silencio religioso em redor da esguita memoria que fura os ares nevoentos. Para uma tristeza sobre as casarinas brancas. Sentese o peso de um degredo n'este isolamento a que só duas vezes por mez chegam ecos do exterior. Compunge a vastidão deserta do mar que se estende para o Sul. Apenas se enxerga a meio do porto, arfando de leve, o casco negro e estreito do Açor, que logo nos levará

para Oeste, onde se avista a montanha aguçada do Pico, mal delimitado nas brumas, onde S. Jorge e a Graçiosa e o Fayal e as Flores nos esperam, e onde o Corvo, ultimo ilhéu açoreano, boiando como um arcaboojo de melancia, marca o ultimo ponto da escala.

Pobre Açor veterano! Dentro em pouco pesará sobre ti uma tremenda responsabilidade. Compenetra-te bem da tua missão honrosa. Lembra-te de que em breve albergarás dentro em teu seio de 30 annos o representante de uma raça do quasi 5 seculo e não vás a pique levando-me também a mim, que ainda não conto meio seculo.

LORJO TAVARES.

## A primeira casaca

Como tive esta casaca? Que alfayate dos tempos primitivos, que inesperado sr. Domingo era este, que m'a trouxe uma manhã, cheirando a fato novo, e artisticamente mettida n'um quadrado de chita verde, pregado com alfinetes? Seria bem difficil dizel-o. Do honrado alfayate já me não lembro — tantos alfayates depois d'este terem atravessado a minha existencia! Mas a casaca ahí está diante dos meus olhos. A sua imagem, passados vinte annos, ainda está gravada na minha memoria, como se o estivesse sobre uma chapa de cobre. Mancoas, não calculeis a gola que ella tinha, e que bandas! Principalmente



ILHA TERCEIRA — Angra do Heroísmo — (Vista tirada do Monte Brasil)

o'feito das abas! Tinha as graças trovadorescas da restauração e a severidade spartaca do primeiro Imperio. Parecia-me, quando a vestia, que recuava de meio seculo. Meu irmão, homem pratico, tinha-me dito:

— «É preciso uma casaca quando se deseja adquirir uma posição no mundo!»

E o querido rapaz contava immenso com este traste para a minha gloria e para o meu futuro.

Fosse como fosse, Augustine Brohan foi quem teve as premicias d'esta casaca. Eis em que circunstancias dignas de passarem á posteridade:

O meu livro tinha desabrochado, virginal e fresco, sob a sua capa cõr de rosa. Alguns jornaes tinham falado das minhas rimas. Estava posta editado, lançado, espalhado pelas montras dos livrelros. Até me admirava que a multidão não abrisse alas, quando os meus desoito annos vagueavam pelas ruas. Sentia positivamente sobre a minha frente a doce pressão d'uma corã de papel, feita d'artigos cortados.

Offereceram-me um dia, ser convidado para as *soirées* d'Augustine. — Quem? — Quem?!... Fois não o estáo vendo: o eterno *quidam* que se parece com toda a gente; o homem amavel, providencial, que, não sendo coisa nenhuma, não sendo conhecido em nenhuma parte, anda por onde quer; leva-nos onde nós queremos; amigo d'um dia, amigo d'uma hora; de quem ninguém sabe o nome, um typo essencialmente parisiense.

Imaginem-se accetite! Ser recebido em casa d'Augustine! Augustine, a illustre actriz, Augustine, o riso de dentes brancos de Moliere, com alguma coisa do sorriso mais modernamente poetico de Musset; finalmente, a Augustine Brohan de quem Paris celebrava o espirito e citava os dictos.

— «Felizão, disse-me meu irmão ajudando-me a enfiar o casaca, tens a tua fortuna feita.»

Batiam nove horas, parti.

Augustine Brohan morava então na rua Lord-Pyron, no alto dos Campos-Elysees, um d'estes bonitos palacetes, com que sonham os pobres provincianos d'imaginação poetica. Umás grades, um jardimito, um patamar de quatro degraus sob uma *marginie*, a antecamara cheia de flores, e logo em seguida o salão, um salão verde, muito illuminado, que eu ainda estou vendo...

Como subi o patamar, como entrei, como me apresentei, ignoro, o mas este nome, gaguejado, por um criado, não produziu o menor effeito na assemblia. Lembro-me apenas d'uma voz de mulher que disse:

— «Ora ainda bem, um walsista! Parece que faltavam. Que entrada para um poeta lyrico!»

Aterrado, humilhado, desapareci por entre a multidão. Contar-lhes o meu espanto!... Passados alguns instantes, outra aventura: a minha extraordinaria casaca, os meus cabellos crescidos, o meu olhar desconfiado e sombrio provocaram a curiosidade publica. Ouvia segredar em volta de mim:

— «Quem é?... repare?... e riem. Porfim, alguém disse:

— «E o principe valaquo!»

— «O principe valaquo!... Ah! sim, já sei...»

É claro que se esperava n'essa noute um principe valaquo. Estava classificado, deixaram-me em paz. Mas ainda assim, não podem avaliar quanto esta corã usurpada me pesou toda a *soirée*. Primeiro walsista, depois, principe valaquo. Então esta gente não via a minha lyra?

Felizmente para mim, uma noticia inesperada e correndo de bocca em bocca, d'um extremo ao outro do salão, fez esquecer não só o walsista mas tambem o principe valaquo. O casamento estava então na moda entre o pessoal feminino da Comedia Franceza, e era nas quartas-feiras d'Augustine Brohan, onde se reunia, em volta de lindas societarias ou pensionistas da Comedia, a fina flor do journalismo official, dos bancos e da alta administração do Imperio, que se esboçava a maior parte d'estas unões romanticas.

M.<sup>me</sup> Fix, a fina actriz de grandes olhos hebraicos, ia casar com um grande financeiro e morrer de parto; M.<sup>me</sup> Figeac, catholica e romanesca, sonhava já em fazer abençoar solemnemente por um padre os seus futuros armazens do boulevard Haussmann; Emilia Dubois, a loura Emilia, posto que votada pela sua fragil belleza ao eterno papel de ingenua, tinha visões de flor de laranjeira sobre o chafis professor da senhora sua mãã; quanto a Magdalena Brohan, a bella e magestosa irmã de Augustine, essa não se casava, mas estava



ILHA TERCEIRA — Angra do Heroísmo — (O Monte Brasil)

em vespuras de se decaisar, e de dar a seu marido Mario Uchard, todo o tempo para escrever os quatro actos da *Fiammina*. Mas tambem, que explosão n'este meio carregado de electricidade matrimonial, quando se espalhou esta noticia: "Gustavo Fould acaba de casar com Valeria!, Gustavo Fould, o filho do ministro; Valeria, a encantadora actriza!... E agora, como tudo isto já, via longe. Mas que escandallo, que impressão, n'essa noite, no salão verde d'Augustine. Os homens, os officiaes, abanavam a cabeça e arredondavam a bocca em O para dizer:— "É grave!... muito grave! Ouviam-se estas palavras: "Tudo se perde... Já não ha respeito... O imperador devia intervir... direitos sagrados... autoridade paternal... As mulheres essas, tomaram com altivez e alegremte o partido dos dois namorados que acabavam de fugir par' Londres.— "Que tem isso, se elles gostam um do outro... Porque não ha de o pae dar o seu consentimento?... É ministro, e depois?... Graças a Deus, desde a Revolução que não ha mais Bastilha!, imaginei toda a gente falando no mesmo tempo, e, sobre o *brochabo*, como se fosse um bordado, o riso brilhante d'Augustine, pequena, gorda, muito alegre, com os olhos á flor do rosto, lindos olhos curiosos e brilhantes.

Por fim, como a agitação fosse esfriando, as quadrihas começaram. Dansei, não tive outro remedio! Dansei mesmo muito mal, para um principe valaquo. A quadriha terminada immobilizei-me, parvamente sofredor pela minha auryria, muito pouco arrojado para arvorar monocolo, muito poeta para trazer luneta, e temendo sempre com o menor movimento bater com o joelho na esquina d'um movel, ou metter o nariz no decote d'alguma senhora. Pouco depois, a esta hesitação, misturou-se a fome e a sede: mas mesmo que me desse um imperio, nunca me teria atrevido a entrar no



ILHA TERCEIRA — Costumes

uma pyramide de crystal, branca, deslumbrante, fresca como a neve sob a luz do sol. Pego n'um copo, fragil como uma flor: tenho até todo o cuidado de não apertar, com medo de lhe partir a haste... Que lhe hei de deitar? Vamos! coragem! pois que ninguém me vê. Pego n'uma garrafa ao acaso, sem escolher. Deve ser *kirsch*: parece diamante liquido. Ora vá lá um copinho de *kirsch*; adoro o seu perfume que me faz pensar em grandes florestas, o seu perfume amargo e um quasi nada selvagem. E eis-me entornando gotta a gotta, como um gastronomico, o limpido licor. Ergo o copo, estendendo os



ANGRA DO HEROÍSMO — Paço Municipal



ANGRA DO HEROÍSMO — Casca

buffete, com tanta gente lá dentro. Esperei o momento em que todos tivessem sahido. Enquanto esperava, metti-me pelos grupos dos homens politicos, guardando um ar grave, e fingindo desprezar as felicidades d'aquella sala, d'onde me chegava, com um ruído de risos e de colheres roçando em porcelanas, um delicado perfume de chá, de vinhos de Hespanha e de pastéis. E quando todos tinham voltado para dançar, decidi-me...

Eis-me lá dentro, absolutamente só... Um deslumbramento, este buffete! sob a luz das velas, com os seus copos, as suas garrafas,

beijos. Horror! Era agua pura: que carêta! De repente, estala uma dupla gargalhada: uma casaca preta, um vestido cõr de rosa que eu não tinha visto, que estavam *firtando* n'um canto, e a quem o meu engano diverte. Quero collocar o copo sobre a mesa; mas estou tremulho, a minha mão treme, a minha manga prendo-se, não sei a quê. Um copo cae, dois, tres copos! Volto-me, as abas da minha casaca envolvem-se na questão, e o branco pyramide rõla no sobrado, com as scintillações, o ruído de temporal, os mil estilhaços d'um iceberg que se tivesse despenhado.

A dona da casa acode ao barulho. Felizmente ella era tão myope como o principe valaquo, e este ponde escapar-se do buffete sem ser visto. Ainda assim, a minha *soirée* está perdida! Este massacre de copos e de garrafas pesa-me como um crime. Só penso em me ir embora. Mas a boa mamã Dubois, maravilhada com o meu principado, agarra se a mim. Ora essa! não me hei de ir embora sem ter dançado com sua filha... com as suas duas filhas! Desculpo-me o melhor que posso, trato de fugir, vou para esbir, quando um grande velho, de fino sorriso, cabeça de bispo e de diplomata, me detém o passo. E' o doutor Ricord, com quem troquei ha pouco algumas palavras, e que me toma por valaquo, como todos os outros.

— Principe, como môra no hotel do Senado e como somos vizinhos, quer ter a bondade de me esperar? Tenho um lugar no meu carro á disposição de Vossa Alteza.

Tinha o maior desejo de aceitar, mas vim para a *soirée* sem sobretudo... Que



ILHA TERCEIRA — Praia da Victoria



ILHA TERCEIRA — Vendedor de leite

muitas vezes que nas *halles* havia uma taberna, aberta toda a noite, onde se comia por tres soldos uma succulenta sopa de couves. Está decidido, vou ás *halles*! Sentar-me-hei na taberna como um vaga-

díria o dr. Ricord d'um príncipe vala-  
quilo sem casa, a do  
pelles e tiritando de  
frio dentro da sua  
casaca? . E pre-  
ciso fugir depressa,  
entrar a pé, camin-  
hando sobre a ne-  
ve e sob o nevoeiro,  
para não deixar vêr  
esta miseria! Sem-  
pre myope e mais  
perturbado do que  
nunca, chego á por-  
ta da rua e dou um  
pulo para fóra, le-  
vando comigo um  
reposteiro. E um  
criadogrita-meesta  
ironia aos ouvidos:  
— "O senhor não  
quer o seu sobre-  
tudo?"

Em me ás duas  
horas da manhã,  
longe da minha casa,  
ao abandono por  
estas ruas, esfo-  
meado, gelado, sem  
a mais modesta  
moeda de prata nas  
algeberas. De re-  
pente, a fome ins-  
pira-me, illumina-  
me, exclamo:  
— "Se fosse ao  
mercado?"

Tinhm-me dito

bundo, como um typo equivoco sem domicilio conhecido. Nem  
já me lembro do meu orgulho. O vento gela, o estomago está  
vasio.

— "O meu reino por um cavallo!, dista o outro. E eu digo, tiri-  
tando e trotando:

— "O meu principado, o meu principado valaquo, por uma boa  
sopa, n'um sitio bem quente!",

Alphonse Daudet.



ILHA TERCEIRA — Vendedor de peixe



Chão de Castro e Castro.

ILHA TERCEIRA — Serreta — Distribuição gratuita de leite e exposição de vacas

# Praia da Victoria — Ilha Terceira — Defeza heroica das forças liberaes — Desbarato da esquadra

Tendo saído de Plymouth no dia 11 de Maio de 1829, a bordo do hiate Santa Luzia, fui feito prisioneiro em frente da Praia da Praia, na madrugada do dia 26 do dito mez, e mantido logo para bordo da não D. João G.º — no pódo da qual me achava com ferros aos pés, no dia d'esta tão memoravel, quanto gloriosa batalha. — J. F. d'O. Bastos.



## ATAQUE DA 3.ª NO DIA 11 DE AGOSTO DE 1829.

Pelo Tenente Quilvã do Regimento dos Voluntarios da Paizinha, e augmentada com os nomes das embarcações e fortificações

1. D. João G.	5. Corveta Princesa Real	9. Charrua, Armação da Praia	13. Bateria de Artilharia	17. Bateria de Artilharia	21. Bateria de Artilharia	25. Bateria de Artilharia	29. Bateria de Artilharia
2. Fragata Paula	6. Charrua S. João Baptista	10. Bateria de Artilharia	14. Bateria de Artilharia	18. Bateria de Artilharia	22. Bateria de Artilharia	26. Bateria de Artilharia	30. Bateria de Artilharia
3. D. Dyanina	7. D. Galathea	11. Bateria de Artilharia	15. Bateria de Artilharia	19. Bateria de Artilharia	23. Bateria de Artilharia	27. Bateria de Artilharia	31. Bateria de Artilharia
4. D.ª Amarena	8. D.ª Crestas	12. Bateria de Artilharia	16. Bateria de Artilharia	20. Bateria de Artilharia	24. Bateria de Artilharia	28. Bateria de Artilharia	32. Bateria de Artilharia

Cop. por A. S. Mendonça em Outubro de 1852

# BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editores  
Largo do Condé Barão, 30

Páginas supplementares: OE\* Estevão Nunes & F.\*\*  
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.º

End. telegraphico — BRATGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
ANNO .....	Moeda brasileira .....	ANNO .....	.....	ANNO .....	.....
Numero avulso .....	.....	3 mezes .....	.....	6 mezes .....	.....
	36000	Numero avulso .....	2500	Numero Avulso .....	2500
	2000		2500		2500

## SUMMARY

### TEXTO

*Chronica* — (O banquete na sala do Risco)  
*Politica Internacional* — Consiglieri Pedroso.  
*As nossas gravuras*.  
*Maman Nunu*. (Recordações da mocidade) —  
FRANCOIS COPPÉE.  
*Os jesuitas no Grão Pará*.  
*Dr. Augusto Carlos Vaz d'Oliveira*.  
*Tenochas (Versos)* — ARTHUR BAHIA.  
*Thema antigo (Versos)* — ALBERTINA PARRAHO.  
*Theatros* — JAYME VICTOR.  
*De Lisboa as Ilhas* — IV — LORJÔ TAVARES.  
*Off primeira casaca* — ALPHONSE DAUDET.

### GRAVURAS

CONSELHEIRO ERNESTO RODOLPHO HINTEZ RIBEIRO.  
ASPECTO DA SALA DO RISCO NO ARSENAL DA MARINHA NA NOITE DO BANQUETE OFFERECIDO AO CONSELHEIRO HINTEZ RIBEIRO.  
EXPOSIÇÃO AGRICOLA — Um trecho da Exposição de S. M. El-rei o sr. D. Carlos I.  
— Grupo de alumnos da Escola de Cegos do Porto.  
— Instalação dos artigos fabricados pelos alumnos das Escolas de Lisboa e Porto.  
EL-REI EM VIENNA DO CASTELLO — Aspecto da cidade durante os festejos.  
— A Avenida Gamões. Pavilhão de onde S. M. El-rei assistiu á serenata no Rio Lima.  
— Aspecto da Praça da Rainha durante os festejos.  
— O Arco Triumphal.  
— No Porto Cavallaria da Guarda Municipal, aguardando a chegada d'El-rei.  
— Na Praça de D. Pedro.  
— A carruagem conduzindo El-rei e o ministro da guerra.

DR. AUGUSTO CARLOS VAZ D'OLIVEIRA.  
— NA ARBUDCHARIA — Caminho de Cintra para Cascaes.  
A EXPOSIÇÃO DO PALACIO DE CRYSTAL — Vista geral.  
ANGRA FO HEROISMO — Cidade e Bahía.  
— Caes e Alfandega.  
ILHA TERCEIRA — Monte.  
" " — Angra do Heroismo (O Monte Brasil).  
ANGRA DO HEROSMO — Vista tirada do Monte Brasil — Pago Municipal.  
— Caes.  
ILHA TERCEIRA — COSTUMES.  
— Praia da Victoria.  
— Vendedor de leite.  
— Vendedor de peixe.  
— Serreta — Distribuição de leite e exposição de vacche.  
PRAIA DA VICTORIA (Ilha Terceira) Defeza heroica das forças liberadas.

PARA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 30.  
MANAOS — Jayme e Camara — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.  
MARAHUAC — Roberto Majoli Caiz do Correo n.º 4.  
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 38.  
VICTORIA — Estado do Brasilio Sante — Guimaraes e Coelho — R. da Alfandega, 15.  
S. PAULO — Abreu, Irmãos & C.  
SANTOS — Zepherino Lourenço Martins, vice-consul de Portugal.  
AMPARO — Dr. João Guedes. Rua do Capitulo Miranda, 5.  
FERREIRO PRETO — A. Vianas Pinto de Sousa, vice-consul de Portugal.  
RIO SOLIMÕES — J. C. Mesquita (casa Andreana) — Mariana.

### Em Africa

MOÇAMBIQUE — Diogo de Faria.  
BEIRA — Antonio Francisco Antonio.  
MOHAMBANE — Joaquim Teixeira e Assumpção.  
QUELLIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.  
BENGUELLA — Matheus de S. Azevedo.  
LOURBENGO MARQUÊS — D. Heráclio Heitor da Silveira de Lorenã.  
S. TICOM — L. A. B. Alves Mendes

### NO Illustrações

### OS NOSSOS CORRESPONDENTES

#### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Cléry, 10

#### Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Ossa Luis Francaes — Rua Alfonso d'Albuquerque.

#### No Brasil

RIO DE JANEIRO — (Agencia Central) los Estados do Sul: Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alfandega, 4, sobrado.

PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Figueira de Mouro 14.  
PELOTAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE DO SUL — Pinto & C.º — (Livreria Americana).

### ATELIER DE ALFAYATE



### ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

MAGNIFICO SORTIMENTO DE FAZENDAS  
NACIONALES E ESTRANGEIRAS

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

### Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNecedoras DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

### J. NUNES CORRÊA & C.º

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 164 e 166 — LISBOA

Prescrittiamos as com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garantia de um todo as recommendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço

# Conselho d'Amigo...

## Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!



# ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

**Fundador — Antonio Florencio dos Santos**

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**Jayme Maupezzin Santos**

Bacharel formado em Philosphia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Medico dos Hospitales Civis

Ensina-se n'esta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1893, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiais e por professores especiais, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

## CURSO COMMERCIAL

1.º Anno	2.º Anno	3.º Anno	4.º Anno
Portuguez	Portuguez	Frances	Frances
Frances	Frances	Inglez	Inglez
Inglez	Inglez	Alemão	Alemão
Alemão	Alemão	Arithmetica e calculo commercial	Arithmetica e calculo commercial
Arithmetica e calculo commercial	Arithmetica e calculo commercial	Historia patria	Historia patria
Calligraphia	Geographia geral	Geographia commercial	Geographia commercial
Pratica de escriptorio	Calligraphia	Physica e chimica elemental	Physica e chimica elemental
	Pratica de escriptorio	Historia natural elemental	Historia natural elemental
		Calligraphia	Calligraphia
		Pratica de escriptorio	Pratica de escriptorio
			Exercicios de redacção e de conversação
			Contabilidade geral e escripturação commercial
			Materias primas e especies commerciaes
			Elementos de economia politica e legislação commercial e aduaneira
			Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluirem este curso, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901

O DIRECTOR — **Maupezzin Santos.**

## MANTEIGA AÇORIANA

Premiada com a MEDALHA DE OURO na Exposição de Ponta Delgada em 1901



Premiada com a MEDALHA DE OURO na Exposição de Ponta Delgada em 1901

Fabrica nos Altares, Angra, Doze Ribeiras, Fontainhas e Villa Nova

Manteiga de vacca "ALTARES," (marca registrada).

Em latas de 1/2, 1, 5 e 10 kilos

Queijos nacionaes e estrangeiros.— Queijo Estrella.

*Alfredo de Mendonça & C.ª*

Angra do Heroismo—Ilha Terceira—Açores



### HOTEL INTERNACIONAL

Proprietario—MANUEL ANTONIO ALVES

RUA DA CARREIRA, 48

Primeiro hotel portuguez

FUNCHAL—MADEIRA

Este esplendido hotel, situado no centro da cidade, a 4 minutos ao caes, tem excellentes accommodações para hospedes e tratamento de primeira ordem. Comida no jardim. É illuminado a luz electrica. Tem magnifica vista para o mar e terra, e fica pouco distante do Jardim Publico.

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

**CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA**

**A VAPOR**

DE

**José Maria Pereira Junior**

**COMPLETO SORTIMENTO**

DE

**Madeiras e Materiaes**

Para construcções civis

**Construcção e reconstrucção de predios**

RUA LAVR DIO, 33

RIO DE JANEIRO

# CARTAZ DA QUINZENA

**S. Carlos.**—Vae anticipar a inauguração da epocha lyrica, por causa da vinda do rei de Hespanha. Abre a 9 de Dezembro.

**D. Maria.**—A primeira peça nova será o drama hespanhol *Dolores*, traduzida em verso pelo sr. Coelho de Carvalho e assim distribuída:  
Dolores, Angela Pinto; Josepha, Carolina Falco; Melchior, Fernando Maia; Sargento Rocha, Ferreira da Silva; Lazaro, Luiz Pinto; Patricio, Joaquim Costa; Manuel, Carlos Santos; Justo, Cardoso Galvão; o arriero, Francisco Sampaio.

Sóbe á scena a 14 d'este mez.

**D. Amelia.**—A primeira peça nova da presente epocha vae ser a *Magda*, de Sudermann, fazendo a protagonista Lucilia Simões. Os outros papeis estão distribuídos assim:

O coronel, Augusto Rosa; o pastor Hoffterdwick, Antonio Pinheiro; Keller, Carlos de Oliveira; Max de Wendowski, Henrique Alves; o general Klebs, Augusto Antunes; o professor Beckmann, Francisco Senna; a sr.<sup>a</sup> Schwarte, Elvira Costa; a sr.<sup>a</sup> Wendowski, Josepha de Oliveira; Maria, Delphina Cruz; a generala Klebs, Cecilia Neves; a sr.<sup>a</sup> Ellrick, Estephania; a sr.<sup>a</sup> Schumann, A. O'Sullivan; Thereza, Jesuina Saraiva.

Depois entram em ensaio a peça nova de Schwalbach, *A cruz da esmola* e a *Resurreição*, de Tolstoi.

Para 19 organisa-se um espectáculo interessante constituido pelas tres peças em 1 acto premiadas n'um concurso litterario aberto ha tempo pelo jornal *Dia*.

**Trindade.**—Vem dar uma serie de recitas n'este theatro uma companhia italiana de Italia Vitaliani, tragica que debutará com a *Maria Stuart* de Shingler, seguindo-se-lhe a *Dama das Camélias* de Dumas e a *Tosca* de Sardou. Debuta a 3 d'este mez.

**Theatro do Gymnasio.**—Para 7 está marcada a primeira representação de um peça allemã, traduzida livremente pelo sr. Xavier Marques *Catados e Solteiros*, com esta distribuição:

Maifeld, Julio Solier; Constantino Willerg, Joaquim d'Almeida; Ernest Landeburg, Antonio de Souza; Barão de Kirwitz, Aníbal Pinheiro; Dr. Deike, Salles; Stempel, Carlos Leal; Artenold, I. d'Almeida; Melania, Palmy a Torres; Augusta Maifeld, Sophia Gomes; Julia, Carlota Fonseca; Joanna, Julia d'Assumpção; Luiz, creado, Abreu.

**Theatro do Principe Real.**—Continua em scena com exito o original de Marcelino de Mesquita *O Rei Maldito*, peça historica de grandes effeitos.

**Colyseu dos Recreios.**—As variedades succedem-se e não se parecem senão no exito. Depois do celebre trabalho do *Looping the loop*, e das phocas amestradas, o athleta Nino e para 10 annua-se a estreia da troupe russa *Alexandroff*, composta de 5 mulheres que dizem ser formosissimas, 3 homens e 1 criança.

  
**VINHOS VELHOS**  
**LEGITIMOS DO PORTO**  
 Premiados nas exposições  
 DE  
 Londres, 1862; Porto, 1866; e Paris, 1867 e 1878  
**ANTIGA CASA**

**João Eduardo dos Santos**  
 Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cacos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

## JULIO LIMA & C.<sup>a</sup>

FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. — JULIMA. RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1897—Occupa a área de 12.000 metros quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇADOS

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

**Diploma de Honra**  
**O mais distincto de todos os premios**

na Exposição Artistico-Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteve os principaes mercados do paiz.



The Pacific Steam Navigation Company  
 Caes do Sodré, 64, 1.<sup>o</sup>  
 LISBOA  
 OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Platte e Liverpool.

## CAMISARIA DA MODA

DE

Felix de Mello & Com.<sup>ta</sup>

Rua de Santo Antonio, 66

PORTO

Completo sortimento de roupas brancas  
para homem e senhora.  
Especialidade em gravataria.  
Enxovas para casamento.

## JOSE CLAUDIO DE SOUZA

Agencia da TINTURARIA CAMBOURNAC, de Lisboa

E DA

MANUFACTURE FRANÇAISE D'ARMES DE SAINT ETIENNE

Estabelecimento de quinquilharias

VENDA A RETALHO E POR ATACADO

Agencia da REVISTA ILLUSTRADA  
BRASIL-PORTUGALEncarrega-se de tomar assignaturas para todas as publicações nacionaes  
e estrangeiras.

Rua Nova da Matriz, 7 e 9

Ilha de S. Miguel (Açores)

PONTA DELGADA

## Deposito Sanguinhal

Vinhos tintos e brancos

DO

SANGUINHAL

Os melhores vinhos de meza

VINHOS

DO

Porto e Madeira

Cognac,  
Champagne,  
Licores, etc.129 — RUA DO ALECRIM — 131  
Telephone N. 129°

LA UNION Y EL PENIN ESPAÑOL  
Capital social 5.000.000.000 reis  
18.000.000.000

De estatuto para desde 1884 até 1885  
PREMIOS E RESERVAS 5.832.000.000

Requerer apenas identidade

Fundação Atlântica & Union Maritima  
Compagnie Francaise de Navigation  
e filiales de transportes de passageiros.

Directores — Luiz Meyer & Filho  
LISBOA — Rua da Praia, 59 2°

## Empresa Nacional de Navegação

Itinerario das carreiras para a Costa  
occidental e oriental d'ÁfricaSAHIDAS — Dia 6: Para Madeira  
S. Vicente, S. Thiago, Principe, S  
Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda  
Novo Redondo, Benguela e Mossa  
medes.Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lou-  
renço Marques, Beira e Moçambique.Dia 21: S. Thiago, Principe, S.  
Thomé, Cabinda, Santo Antonio do  
Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda,  
Novo Redondo, Benguela, e  
Mossamedes.Para carga e passageiros trata-se  
no escriptorio da Empresa, Rua da  
Praia, 8, 1.º

## ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Paquetaes, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.<sup>ta</sup>Fazendas nacionaes e estrangeiras.  
Confeções para homens, senho-  
ras e crianças. Fardamentos mi-  
litares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos protos, azues e am-  
obros, de

65000 a 70000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 a 20000

Escolhido sortimento em sobretudo,

Double-capas e varios d'Avioes.

Capas d'hespanhola, fabrico espe-  
cial da nossa casa, de

12000 a 15000

## PONSECAS, SANTOS &amp; VIANNA

BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120

→ LISBOA ←

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna  
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estran-  
geiros, açoes de bancos e companhias. Tomam e saccam  
letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem  
generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos  
em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo.  
Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

## BANCO NACIONAL

ULTRAMARINO

Sociedade anonyma

de responsabilidade limitada

SÉDE EM LISBOA

49 — RUA NOVA D'EL-REI — 74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde — S.  
Thomé — Loanda — Benguela —  
Lourenço Marques — Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde — Bo-  
lama — Mossamedes — Quelimane  
— Inhambane — Moçambique — Ma-  
cau.

## EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para Madeira, Santa Ma-  
ria, S. Miguel, Tercei-  
ra, Graciosa (Praia), S.  
Jorge (Vellas) Caes do  
Pleio e Fayal.

Sae o vapor FUNCHAL, com-  
mandante Antonio Xavier de An-  
drade, no dia 20 de outubro ás  
10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes —  
Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Serrá Almeida.

## Compagnie des Messageries Maritimes

Paquetaes poste français

Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo  
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe po-  
dem dirigir-se a OREY ANTUNES  
& C.ª — 4, Praça dos Remo-  
lhares.

Para passageiros, carga e todas as  
informações trata-se na Agencia da  
Compagnia — 23, Rua Angra.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADOS

## Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e  
passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Buslure,  
Calcutta, Kango, Hong-Kong-Kurrachee, Manila, Saigou, Shanghai, Si-  
dney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. —  
Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa.  
Passageiros para Cadix, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com trans-  
bordo em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico),  
Veracruz, New-York, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passageiros trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay &amp; C.ª

LISBOA — Rua dos Paquetaes, 10, 1.º

## MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores

d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações  
no Rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES

JAMES RAWE &amp; C.ª

# Antonio Constancio Vieira

## GRANDE ARMAZEM

Importação das principaes praças da Europa e America

### VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

Ferragens, mobílias, calçado, fatos, camas, cofres, fogões, louças, oleados, lonas, encerados, artigos esmaltados, vidro em chapa, em obra, bombas, correias para machinas, estanho, ferro, chumbo, latão, cobre, folha, cordas.

cabo para navios, moinhos para fazer farinha, para descasca de arroz, oleo de machinas, de pintura, tintas, vernizes, ferramenta de serralheiro e carpinteiro, papelaria, artigos de escriptorio e espingardas

### CARTUCHAME

Martin, Henry, kunet ford, fogo central, polvora, batas, chumbo, machinas para cartuchos

### BEIRA E MACEQUECE

### AFRICA ORIENTAL

Endereço telegraphico VIEIRA — BEIRA

Caixa postal n.º 53

### Eu era assim



Chegel a ficar quasi assim



*Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao XAROPÉ PEITORAL DE ALCATRÃO E JATARY, preparado pelo pharmaceutico Honorio do Prado, o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche,*

Consegui ficar assim



Completamente curado e bonito

### Honorio do Prado

115, RUA DO LAVRADIO, 115

DEPOSITO: — Drogeria PACHECO & C.ª — ANDRADAS, 88

VIDRO 2\$000 RÉIS

MARCA REGISTRADA Rio de Janeiro.

### Manoel de Azevedo e Mello

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

AGENTE E DEPOSITARIO das

**AGUAS**

DE

**LAMBARY E CAMBUQUIRA**

Rua da Alfandega, 62.

**RIO DE JANEIRO.**

Os bons fiambres, as boas mortadellas, Tudo o que mata o mais feroz jejum, Os bons vinhos de Rheno, ou de Bucellas, Whisky, Kyrseh, Cognac, Old-Tom, Rhum.

Salchichas, trufas, *petit-pois*, sardellas, Lagostas e salmão, ostras e atum, Isto tudo se encontra a fartadellas A' rua Ourives, no sessenta e um.

Desde o melhor Bourgoigne ao paraty, Tudo que em vida de melhor consumo, Encontra's sempre com certeza ali.

Não é filial de casa alguma, ouvi! E' simplesmente o bom Avilla Gomes Ex-gerente da antiga Casa Henry.

**Rio de Janeiro**



**AGUA**  
**MINERAES**  
**NATURAES**  
 DE  
**LAMBARY**  
 E  
**CAMBUQUIRA**

DEPOSITO:  
 RUA ALFANDEGA 62  
 RIO DE JANEIRO

LAMBARY



CAMBUQUIRA



Estabelecimento de banhos em Lambary



## BANCO LUSITANO

Sociedade anónima  
de responsabilidade limitada  
CAPITAL 800.000\$000 RÉIS

Faz operações bancarias  
nos seus  
variados ramos

Sede em Lisboa

Rua d'El-Rei, 25

## LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA DE PEDRO DE S. MAGALHÃES

Completo sortimento de livros em todas as linguas  
e sobre todos os conhecimentos humanos  
Papelaria, livros em branco e objectos para escriptorio

29, Rua do Commercio, 29

CAIXA POSTAL, 103

S. PAULO-BRAZIL

## PHARMACIA ASSIS

PHARMACEUTICO

C. de Assis Ribeiro

Completo sortimento de drogas,  
productos chimicos e pharmaceuticos,  
pelos preços das drogas

Rua 15 de Novembro, 2

S. PAULO

## Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de [santo] Antonio da 86, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo  
prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2 de 10 a 60 annos. Empréstimos de  
conta corrente: a juro de 3 1/2 e commissão de 1/4 1/2 de 1 a 9  
annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 de  
ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas  
que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas  
ilhas. No Porto está installada uma delegação que se vive com a  
maior rapidez qualquer das operações da Companhia. s



— LAEMMERT & C. — Livreiros-Editores — RIO DE JANEIRO, Ouvidor, 66 — S. PAULO, 15 de novembro, 32 —

Acaba de sahir á luz: — **PLATEN** — O NOVO METHODO DE CURAR

Manual de hygiene, regras de vida, preservação de saude e cura de molestias sem auxilio de drogas.  
Thesouro de familia e guia dos doentes e das pessoas que gosam saude, contendo 432 gravuras em madeira, 17 estampas coloridas, 8 estampas anatomicas coloridas, cada qual representando os diversos orgãos superpostos, podendo-se separar, á vontade, (Naris, Ouvido, Boca, Vista, Cabeça, Modelo anatomico do corpo do homem, Modelo anatomico do corpo da mulher com os orgãos durante a gravidez).

3 grossos volumes de cerca de 1500 paginas, impressos com esmero, encadernados em percalino com titulo artistico estampado em ouro e cinco cores.

PREÇO..... 40\$000

Obra indispensavel em toda a casa de familia, e na em linguagem clara e ao alcance de todo e



mundo como se evitam as molestias—Como se curam as doencas—Como se restabelece a saude—Como se tratam os accidentes—O que se deve comer, beber e evitar—Como deve ser nossa roupa e nossa maradia—O cuidado que devemos dar á pelle, ao cabelo, aos olhos, ao ouvido, ao nariz, aos dentes, etc.—esta obra põe o leitor ao par de todas as minuciosidades da Estrutura do corpo humano e dedica particular attenção ás Molestias das mulheres e das crianças. Encerra capitulos exhaustivos sobre Hydrotherapia, Massageus, Electricidade, Hypnotismo, Exercicios de Gymnastica Hygienica, etc.

O numero enorme e admiravel de informações concernentes ao corpo e suas funcções durante a saude e a molestia tornam a obra de PLATEN e mais completo MANUAL para o tratamento e cura das molestias. s

Envia-se gratis o PROSPECTO ILLUSTRADO a quem o pedir.

## HOTEL DOS ESTRANGEIROS

PRAÇA JOSÉ DE ALENCAR

O primeiro do  
Rio de Janeiro.

# EMPRESA DAS AGUAS DE VIDAGO

— AS MAIS AFAMADAS DA EUROPA —

Premiadas com medalha de ouro em todas as exposições nacionais e estrangeiras a que teem concorrido

**FONTES EXPLORADAS: VIDAGO, OURA, VILLA VERDE E SABROZO**

**FONTE VIDAGO: E' inconfundivel. E' a agua alcalina mais rica e de maior fama da península.**

**Eficacissima em todos os padecimentos de estomago, fgado e rins.**

**FONTE DE VILLA VERDE: Riquissima com nshuma outra, em acido carbonico, eliminando-se pelas vias urinarias, combate e evita eficazmente a producao da gravella branca ou phantastica.**

**FONTE DE OURA: Riquissima em bicarbonato de ferro, arsenical e phosphatada, tem excepcionaes qualidades reconstituintes, estimulando o organismo e melhorando a nutricao.**

**E' infallivel na cura das nevralgias menstreaes.**

**FONTE DE SABROZO: A rainha das aguas de meza em Portugal e a mais barata. Preço com garrafa: 1/4 de litro, 80 réis; 1/2 litro 120; 1 litro, 160. Descontos de 20 0/0 aos srs. revendedores, desde 25 garrafas.**

Esta Empresa pde, de sua conta, em qualquer das estações do Minho e Douro, Companhia Real, Beira Alta e Beira Baixa, Alfarellos e Figueira todas as aguas quando as requisições sejam de duas caixas, ou de ahi para cima.

Para o publico não ser illudido na sua boa fé com aguas de absoluta inferiorid de medicinal, exija sempre: **Fonte Vidago, Oura, Villa Verde e Sabrozo.**

## Estabelecimento Hydrologico

Magnificos hotels, Encantadoras paisagens. Medico, pharmacia e todas as commodidades proprias d'uma estancia de primeira grandeza.



Abre em 1 de junho e fecha em 30 de setembro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente — **Vidago**

**DEPOSITO GERAL E UNICO NO PORTO  
PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 66 E 68**

**ECONOMICA**

Autorizada por decreto do Governo Federal  
n.º 4.499, de 13 de Maio de 1908

**CAPITAL INICIAL: 200.000.000 REIS**

DIRECTORIA:  
Presidente **VALENTIM MACALHAES**  
Secretario **D. DE CARVALHO AZEVEDO**

**TITULOS DE ACCUMULAÇÃO DE 500.000 REIS**  
SORTEIOS MENSUAES

SEDE SOCIAL  
**35, Rua Nova do Ouvidor, 35**  
Caixa Postal Telephone Rod. Teleg.  
1.043 760 ECG

**RIO DE JANEIRO**  
Agencias nos Estados

## FECHO DE SEGURANÇA Joaquim Cruz

PRIVILEGIADO PELO GOVERNO BRASILEIRO

Adoptado pela Delegacia Fiscal  
na sua caixa forte

Premiado na exposição agricola, pastoril e industrial de S. Paulo

Este aparelho é destinado a commodos reservados, caixas fortes e especialmente a portas de sahida. Não tem chave nem orificio de especie alguma. Compõe-se de trancas e ferrolhos de ferro e de maçaneta subordinada á caixa do aparelho. Funciona por meio de segredo impenetravel e milhares de vezes mutavel, á vontade do possuidor, ficando a porta fechada com ferrolho e tranca de ferro por dentro.

É portatil de uma para outra casa ou porta, pois tanto os ferrolhos como as trancas tem graduacao para diversas alturas e larguras de portas.

UNICOS DEPOSITARIOS

**C. P. VIANNA & C.ª**

Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

## FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO

**BERGMAN KOWARICK & C.º**

Endereço Teleg.: BERKO—S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO—BRASIL

Escritorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

**S. PAULO****C. P. VIANNA & C.ª**

Successores da antiga casa J. P. DE CASTRO &amp; C.ª

**IMPORTADORES E COMMISSARIOS**

Unicos agentes no Estado de S. Paulo

DAS

**AGUAS VIRTUOSAS**

DE

**LAMBARY E CABUQUIRA**

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

**LLOYD AMERICANO**

Caixa postal n. 31. — Endereço teleg.: — «VANINA»

Codigo teleg.: — RIBEIRO

Rua do Commercio, n.º 11 e 13

**S. PAULO — (BRASIL)****COMMISSARIOS DE CAFÉ**

João Jorge, Figueiredo &amp; C.ª



Rua Visconde do Rio Branco n.º 16

Caixa n.º 29

**SANTOS**

Toda a correspondencia deve ser dirigida á casa matriz, caixa n.º 69.

**CAMPINAS**





## AO 1.º BARATEIRO

VARIADO SORTIMENTO

DE

ESPECIALIDADES

MODAS e ARMARINHO



MODAS e ARMARINHO

DE

VARIADO SORTIMENTO

ESPECIALIDADE

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças

A. F. Rodrigues &amp; C.ª

74, RUA DOS OURIVES, 75

89, RUA DO ROSARIO, 89

RIO DE JANEIRO

## CASA PAIVA

Completo sortimento em casimiras, fazendas, modas, armario e perfumarias  
TELEPHONE N.º 423

SOUZA OLIVEIRA &amp; C.ª

Enxovas para casamentos e baptisados

Rua 15 de Novembro n.º 15 e Thesouro, 1 e 3

São Paulo BRAZIL

## GRANDE DEPOSITO

de encanamentos e apparatus para agua, gaz e exgottos  
IMPORTAÇÃO DIRECTA

J. SIMÕES &amp; COMP.

com officina para execução de installações  
e todos os trabalhos concernentes ao ramo

Fabrica de fogões economicos

TRABALHOS DE FUNILARIA, ETC.

Atende-se ás encomendas da capital e do interior

PREÇOS MODICOS

RUA DA BOA VISTA, N. 46 - S. PAULO - BRASIL

## Casa BARUEL

S. Paulo

Importação constante de perfumarias,  
sabonetes, pasta e pós dentifricos e todos os artigos  
de TOILETTEDepositaris exclusivos  
da Agua da Belleza, conhecida em S. Paulo desde 1883  
BARUEL & C.ª

1, Rua Direita — Largo da Sé, 2

## LIVRARIA ALVES



Francisco Alves &amp; C.ª — Editores

Importadores de livros e material escolar

RUA DE S. BENTO, 45 — S. PAULO

(Casa Matriz — Rua do Ouvidor, 134 — RIO DE JANEIRO)

Qual é a razão porque a

# MUTUAL LIFE

Conseguiu, em quinze annos, ter **222 MIL CONTOS** de seguros em vigor na Europa?

Foi devido aos seguintes factos, que ninguem pode contestar:

**A MUTUAL LIFE** é a mais antiga Companhia dos Estados-Unidos, a mais rica e a **mais importante do mundo.**

O seu fundo de garantia pertencente aos segurados é de

**RÉIS 445.841.000\$000**

excedendo em **222 mil contos** o da mais importante companhia da Europa.

A sua receita total desde a sua fundação foi de

**RÉIS 1.319.124.000\$000**

ou mais **266 mil contos** que outra qualquer companhia do mundo.

O capital que pagou aos seus segurados ou accumulou para lhes ser pago, eleva-se a

**RÉIS 1.127.982.000\$000**

mais **244 mil contos** que qualquer outra companhia do mundo.

Os beneficios que já pagou aos segurados

**RÉIS 122.988.000\$000**

ou **43 mil contos** mais que qualquer outra companhia do mundo, é cinco vezes mais que a maior Companhia da Europa.

**A MUTUAL LIFE** possui as tabellas mais vantajosas para os segurados; as suas apolices garantem empréstimos e resgates mais elevados que de qualquer Companhia do mundo.

**A MUTUAL LIFE** é a primeira instituição financeira do mundo.

**A MUTUAL LIFE** já realisou, em Portugal — no espaço de cinco mezes

## 500 MIL LIBRAS DE SEGUROS

O balanço official, contendo todos os Titulos de renda, Obrigações e Immoveis que a Companhia possui no mundo, perfeitamente discriminados, com o valor do custo e seu valor actual e respectivo juro, rubricado pelo superintendente de seguros de New York e visado pelo consul geral de Portugal em New York está á disposição de qualquer pessoa que o queira verificar.

Na Direcção Geral em Portugal.

**J. R. CASTRO E SILVA**

**Praça dos Remolares, 4, 1.º — LISBOA**

Banqueiros em Portugal — Orey, Antunes & C.ª

Banqueiros no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão